

Estabilidade e crescimento vão entrar em confronto na campanha presidencial

Economistas vinculados ao Governo e à oposição prevêem a polarização nas eleições

Daniel Augusto Júnior/28-7-94

Roberto Machado

• Reza a lenda que perguntaram a James Carville, o marqueteiro que levou Bill Clinton ao poder, qual seria o mote da campanha presidencial de 92. "É a economia, idiota!", teria respondido Carville, que andou por aqui em 94, assessorando a equipe de Fernando Henrique Cardoso. A frase atribuída a Carville ficou célebre, adquiriu ares de profecia e correu o mundo. Afinal, na era do mercado globalizado, a economia dita o ritmo das eleições. Foi assim na Coreia, mês passado, quando o opositorista Kim Dae-Jung capitalizou os efeitos da crise financeira. Também foi assim na França e na Inglaterra, com Tony Blair e Lionel Jospin, candidatos vitoriosos em 96 com plataformas de combate ao desemprego.

No Brasil, o tema dominante das eleições de 94 foi o Plano Real. Para 98, será adicionada mais pimenta ao prato cívico. Os economistas prevêem uma nova polarização: o Governo vai defender a estabilidade, a atual política cambial e a flexibilização dos salários. Já a oposição vai brigar por crescimento (mesmo que em detrimento do câmbio e com riscos inflacionários), retomada das exportações e proteção ao salário, através de mecanismos como as câmaras setoriais.

Para Aloísio Mercadante (PT), economista que em 94 foi candidato a vice-presidente, o novo condimento eleitoral se chama desemprego. É essa a bandeira que o PT vai desfraldar em 98:

— Teremos três diretrizes básicas: proteger a indústria, a produção e, principalmente, o nível de emprego. Para isso, é preciso mudar a política de comércio exterior e conter as importações, incentivadas pelo câmbio.

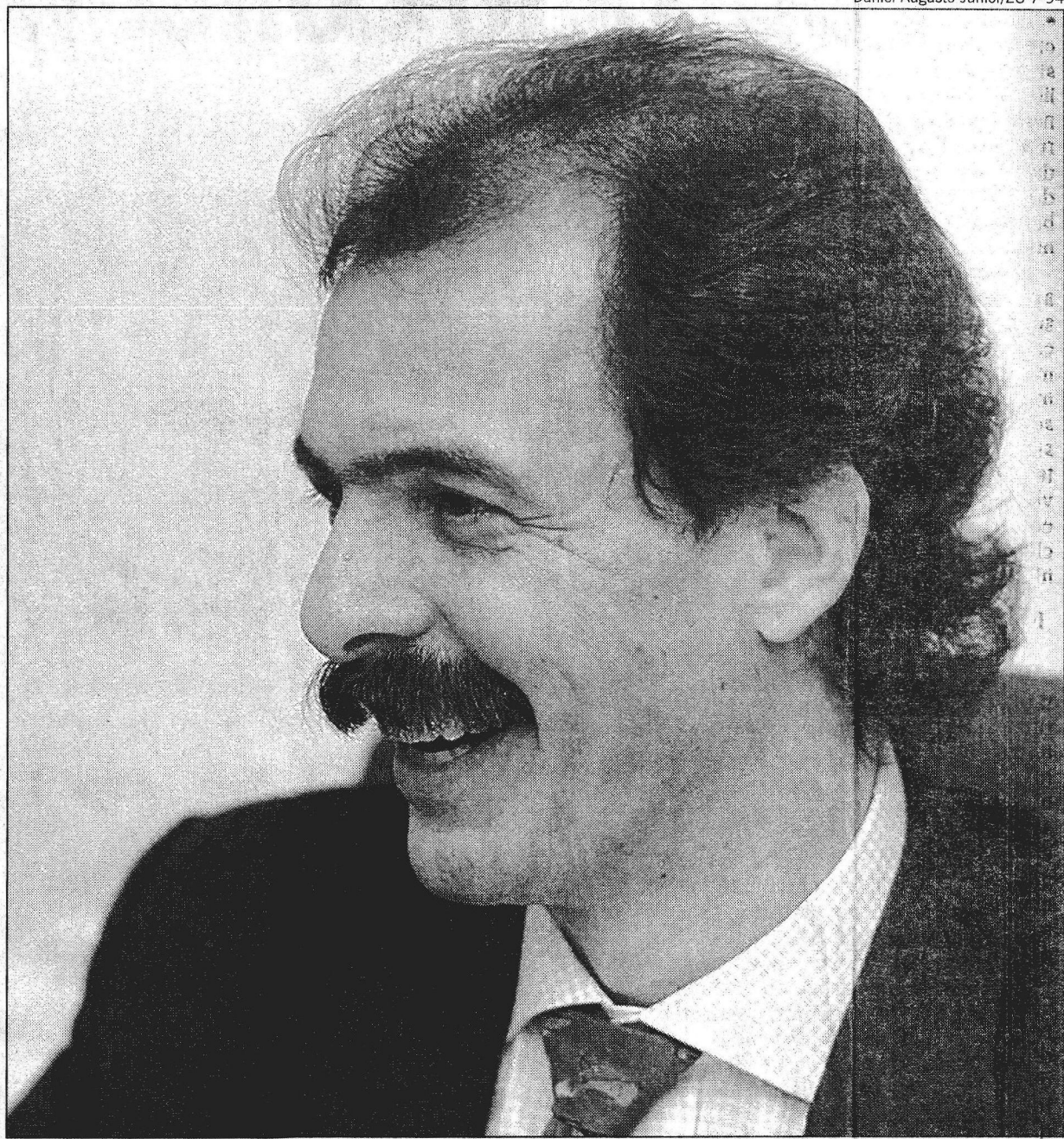
PT vai propor um plano de combate à inadimplência

Na plataforma do PT, Mercadante destaca a volta das câmaras setoriais, desativadas desde 92, além de um plano nacional de combate à inadimplência:

— Queremos a reativação das câmaras setoriais que, em 92, foram responsáveis por acordos corretos. Estamos propondo ainda um sistema de renegociação das dívidas de pequenas empresas e o combate organizado à inadimplência. Teremos também medidas emergenciais, como aumentar o seguro-desemprego e criar programas para a inserção do desempregado no mercado de trabalho.

Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda no Governo Sarney, discorda de Mercadante. Para ele, o principal tema da campanha será novamente a estabilização da economia:

— O Governo deve continuar na defesa da estabilidade. O maior cabo eleitoral de FH será novamente o Plano Real. O de-



ALOÍSIO MERCADANTE, vice-presidente do PT, diz que o desemprego será a maior bandeira da oposição neste ano

semprego não se resolve numa taca. A oposição não tem plano alternativo.

Mailson acredita que o país viverá uma espécie de "efeito tango" e que o provável desaquecimento da economia não prejudicará Fernando Henrique:

— Mesmo com recessão e desemprego, Menem conseguiu se reeleger na Argentina defendendo a estabilidade. A menos que ocorra um desastre, FH deve se reeleger no primeiro turno. Os economistas da oposição dizem que apóiam o Real, mas defendem a desvalorização do câmbio e alterações na política de juros, o que derrubaria a estabilização. Além disso, a esquerda é contra a privatização.

Em relação às câmaras setoriais, Mailson hoje critica o instrumento que chegou a utilizar quando esteve no Governo:

— Elas não têm mais validade. A evolução das relações entre capital e trabalho desautoriza as câmaras setoriais. A participação do Governo tende a ser paternalista e beneficia quem senta à mesa, em detrimento do país. Uma legislação flexível é essencial para combater o desemprego.

Edmar Bacha, um dos idealizadores do Plano Real e dos conse-

lheiros mais próximos a Fernando Henrique, concorda com Mailson da Nóbrega: o país viverá o "efeito tango" em 98:

— O Governo deve adotar o lema da estabilidade. As pesquisas mostram um apoio extraordinário ao real. O desemprego será um dos temas da campanha, mas não o principal — diz Bacha, que atua no mercado financeiro de Nova York pelo Banco BBA.

Economista da PUC afirma que falta política industrial ao país

Depois da crise das bolsas, Bacha acredita que algumas lições ficaram. A principal é o grau de endividamento recomendável:

— Os limites de financiamento externo têm que ser mais reduzidos do que a gente imaginava ao formular o Plano Real. Um déficit de 5% do PIB não é financiável.

Bacha discorda de Mercadante em relação à defesa da indústria nacional:

— A produtividade é importante para aumentar renda e bem-estar. A experiência mostra que a receita para maior produtividade na indústria é a abertura comercial e a estabilidade de preços.

Já Edward Amadeo, especialista na questão do emprego, afirma que o eleitor vai priorizar o tema

desemprego na hora do voto:

— No melhor dos cenários, o desemprego vai crescer dois pontos percentuais. E o Governo, que terá a estabilidade como antídoto ao discurso da oposição, terá que se preocupar com o tema.

Amadeo, professor de economia da PUC do Rio, que abrigou Pedro Malan e Gustavo Franco, não reza na cartilha ortodoxa da equipe econômica. Ele diz que falta iniciativa ao Governo federal:

— A equipe econômica acreditava que, com a estabilidade, o mercado se encarregaria do resto. Falta política industrial, volta para o desenvolvimento.

Amadeo é crítico das câmaras setoriais e vê com otimismo as negociações para redução de salários e jornada de trabalho:

— Uma alternativa é a adoção de vários contratos de trabalho: para jovens, idosos, mulheres. Mas a flexibilização que ensaiamos no Brasil, através da redução de salários negociada com os sindicatos, é muito mais moderna.

Paulo Rabello de Castro, do Instituto Atlântico, faz uma "oposição liberal" a FH. Diz que o país precisa radicalizar nas reformas:

— A estabilização foi feita pelo endividamento. FH precisa avançar nas reformas liberais. ■